



Memorial para a Disciplina História do Ensino de História, do
Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História

Memorial de Carolina Alves Teixeira

Aluna: Carolina Alves Teixeira

Professor: Dr. Everardo Paiva Andrade e Dr. Marcos Barreto

Carolina Alves Teixeira participou do PROFHISTÓRIA (Entrega do memorial – 03/2018)

UFF – UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
Disciplina: História do Ensino de História
Professor: Dr. Everardo Paiva Andrade e Dr. Marcos Barreto

Memorial de Carolina Alves Teixeira

Minha biografia começa no interior do Rio de Janeiro. Nasci em Cabo Frio, primogênita de um jovem casal de trabalhadores, que tinham acabado de se mudar da cidade onde viviam para tentar a vida no litoral fluminense. Eram tempos difíceis, de inflação, do governo das donas de casa “fiscais”, mas meus pais cheios de otimismo, começam a sua família.

Passei a infância em Cabo Frio, com meus pais e meu irmão caçula. Sempre fui incentivada pelos meus pais à me dedicar aos estudos. Durante alguns anos eles puderam pagar uma escola privada. A Escola Sagrado Coração de Jesus, era uma instituição de ensino franciscano, rígida e muito conceituada no período. Lembro-me bem de quando minha mãe me apresentou a diretora para fazer a matrícula. A Mãe me colocou em seu colo e me pediu para ler um trecho da Bíblia, para verificar se eu era alfabetizada corretamente. Foram seis anos de dedicação aos estudos e muitas dificuldades financeiras para permanecer na escola, tanto que no último ano fui bolsista na instituição.

A empresa do meu pai faliu em 1998 e ele resolveu mudar a sua vida, retornar as suas raízes no interior, na vida rural. Nos mudamos então para um sítio em Cachoeiras de Macacu, RJ. E minha mãe com muita dor no coração me matriculou na Escola Estadual São José.

Essa escola era uma pequena escola rural, estadual, e seguindo um modelo conhecido como “brizolinho”. Lembro-me de ter ficado muito impactada com a diferença entre as escolas. Mas essa experiência foi fundamental para a minha escolha profissional. Foi nessa escola, na 7ª série, que tive aula de História com a profª Sandra. Eram aulas sem muitos recursos, mas inspiradoras. Me inspiravam a pensar o mundo, a pensar sobre a conjuntura política e econômica. Mas na verdade elas eram transformadoras por me fazer querer sair das cercas do sítio em que vivia. Meu sonho a partir de então era me tornar professora de História.

Passamos por outro período de crise financeira no início dos anos 2000. Meu pai vendeu o sítio, e nos mudamos para Guapimirim, cidade vizinha. Terminei o Ensino Médio

em uma escola local e meu pai saiu de casa pela primeira vez nesse ano.

A universidade pública era o meu sonho. Embora não soubesse qual escolha profissional fazer, eu sabia que com a falta de tantas disciplinas ao longo do Ensino Médio e com a greve de quatro meses no último ano, eu não teria como competir à uma vaga numa faculdade pública. A minha mãe tinha muita resistência em me deixar sair da cidade, afinal, estávamos sozinhas, então nesse momento, a universidade pública ficou distante.

Comecei a namorar nesse período um rapaz que fazia licenciatura em geografia em uma universidade privada. Ele me explicou como era a política de descontos. Eu fiz as contas e vi que, com muito esforço, era possível eu fazer uma licenciatura em História, e seguir a mesma carreira da prof^a Sandra. Conseguimos convencer a minha mãe, eu tinha 16 anos. Passei no vestibular e obtive o desconto.

Iniciei o curso de História na Universidade Salgado de Oliveira em 2004, muito imatura ainda, mas com muita empolgação.

Logo de início, me interessei muito pelas disciplinas de antropologia e sociologia. Mais tarde, nas disciplinas de História Regional e posteriormente de História do Brasil, eu encontrei aquela mesma inspiração das aulas do Ensino Médio.

Acabei por fazer a minha monografia na área de Brasil República, sob orientação do professor de História Regional, Prof. Charleston Assis, que foi das pessoas mais importantes na minha formação. O prof. Charleston, muito generoso, dedicado e discreto, era o exemplo do que eu desejava ser como profissional.

Concluí a graduação e iniciei na mesma instituição uma especialização em História do Brasil. Tive aulas muito inspiradoras e oportunidade de assistir palestras da prof^a Maria Yedda Linhares, do prof. Francisco Falcon, do prof. Ciro Flamarion, e outros. Mudei drasticamente a área de pesquisa, que passou a ser escravidão no Brasil Império. Sob a orientação da prof^a Márcia Amantino, iniciei a minha pesquisa sobre a presença de escravos muçulmanos no Rio de Janeiro.

Tive nesse período a oportunidade de fazer alguns trabalhos de campo, em Salvador, Paraty e Ouro Preto.

Com o estímulo do Prof. Charleston, que nessa época era coordenador do curso de graduação, eu e um amigo criamos um curso de extensão sobre escravidão. Esse curso de extensão formou duas turmas e foi minha primeira experiência profissional após o estágio docente.

Nesse período a minha família passava por muitos problemas financeiros e começar a trabalhar era um imperativo. Embora já tivesse feito dois concursos, não tinha passado no

número de vagas. Distribuí currículos em toda a região, mas não obtive sucesso.

Fiz o concurso para o Estado do Rio de Janeiro em 2008, e passei em 8º lugar. Como o concurso era para formar o cadastro de reserva, fiquei pouco esperançosa quanto à ser chamada. Foi então que consegui, depois de muita insistência, e contando com a sorte, um contrato na Prefeitura de Guapimirim.

Era março de 2009, quando eu entrei pela primeira vez em uma sala de aula de Ensino Fundamental. A escola era longe, em uma comunidade complicada e em que a falta de ação do poder público saltava aos olhos. A Escola Municipal Rosa de Saron, me recebeu de braços abertos. E eu tinha cinco turmas de todas as séries finais do Ensino Fundamental.

Foi um grande desafio. Eu não me sentia preparada para todos os conflitos, para a falta de estrutura.

A minha diretora, a prof. Eneida, tinha grande preocupação com o meu domínio de turma, pois eu era nova e tinha pouca diferença de idade para alguns alunos, mas isso não era problema. O problema era a distância que existia entre o que eu idealizava da prática docente e a prática docente de fato. A burocracia com reuniões e diários não fazia sentido para mim. O dia a dia em sala de aula era extremamente desafiador. Meus alunos passavam por todos os problemas sociais possíveis e eu me sentia impotente.

Em junho deste mesmo ano fui convocada no concurso do Estado e fui lotada no Colégio Estadual Profª Alvina Valério da Silva. E pela primeira vez fui professora no 3º turno. Outro desafio. Como atuar na Educação de Jovens e Adultos? Como fazer com que a aprendizagem nas aulas de História fossem significativa para eles? Demorei algum tempo para ter respostas à essas perguntas que me deixassem um pouco mais confortável.

No ano de 2008, reengressei na faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal Fluminense. Motivada pelo grande interesse por antropologia e pela oportunidade de finalmente ingressar em uma universidade pública, retornei à graduação. Alguns cursos mudaram muito a minha perspectiva de pesquisa, tais como Antropologia I com a prof. Tania Neiva e Sociologia III com o prof. Marcos Otávio Bezerra.

No ano de 2010 fiz a disciplina Sociologia de Pierre Bourdieu, também com o Prof. Marcos Otávio e ao ser apresentada aos textos de Pierre Bourdieu, senti que a continuar com a pesquisa da especialização não fazia sentido, o meu interesse estava voltado agora para a prática docente e a Sociologia da Educação.

Também no ano de 2010, fui convocada para uma 2ª matrícula no Estado do Rio de Janeiro e por falta de horário, encerrei o contrato com o município. Primeira despedida. Depois de tanta dificuldade no início, criei grande apego a escola e a comunidade. Mas

encerrei a minha passagem por lá com a consciência tranquila, de ter feito um trabalho coerente com a minha formação docente.

Entendendo a importância e a urgência que a Educação a Distância e o ensino semipresencial ganharam na última década, bem como o papel social de democratização do acesso à educação em áreas que não possuíam oferta de ensino de superior, fiz o concurso público para a tutoria presencial do CEDERJ/UAB.

Em 2010, iniciei as minhas atividades como tutora presencial do curso de Licenciatura em Pedagogia da UERJ através do CEDERJ. Atuando com a tutoria das disciplinas de História na Educação 1 e 2, e Sociologia da Educação, todas no polo Magé, RJ.

Apreendi que o papel da tutoria presencial é oferecer mais do que suporte aos alunos, incentivo e apoio técnico. Mas também é ser a figura docente presente na vida do aluno, nesse modelo de Educação a Distância.

Tive a oportunidade de apresentar algumas palestras e ministrar mini-cursos, sobre "Os livros didáticos de História das séries iniciais do Ensino Fundamental", "A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu", "A utilização de charges e quadrinhos nas aulas de História", entre outras.

Outra experiência interessante que tive foi organizar com alguns colegas uma visita técnica ao Centro Histórico do Rio de Janeiro e em São Paulo. Tendo por objetivo, apresentar aos meus tutorados a articulação do saber acadêmico, do ensino de história, e da importância do patrimônio histórico para a construção da memória social e a formação da identidade.

A experiência adquirida nos últimos anos de atividade como tutora presencial me fez perceber que a aprendizagem não ocorre sem a presença do professor, visto que a presença deste se estabelece por multimeios de comunicação, e o meu papel é de facilitar, mediar este processo de aprendizagem, propondo discussões, elucidando dúvidas, incentivando. Ter essa experiência foi muito importante para pensar esta modalidade de ensino no Brasil.

Tranquei o curso de Ciências Sociais e passei a pesquisar a temática da tutoria na EaD, no ano de 2012, como aluna da especialização em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação à Distância através do LANTE-UFF.

Nesse ano, eu e um colega de trabalho passamos a organizar um pré-vestibular comunitário na escola em que atuo. Nos anos seguintes me dediquei à atividade docente e comecei a nutrir o interesse por continuar a pesquisa na área da prática docente.

O apoio da minha mãe foi fundamental em todos esses períodos. Atualmente, minha mãe, depois de 40 anos fora da escola, retornou as salas de aula de Ensino Fundamental. Ela tem um sonho, ser advogada. Minha mãe foi grande incentivadora, mesmo nos momentos

mais difíceis. E nessa altura da vida, com os filhos criados, ela me ensina que nunca é tarde para um recomeço.

Ingressei no ano de 2016, no Mestrado Profissional em Ensino de História. Projeto recém-criado, com apenas uma turma formanda, mas que tem um projeto que atende aos anseios de quem está imerso na atividade docente, e que quer repensar as suas práticas, a educação no país e que deseja construir algo significativo para os alunos e pares.

Gostaria de concluir aqui com uma questão que realmente mudou a minha trajetória. Que é a ideia exposta por Paim (2008: p.48) “O 'Fazer-se Professor' é entendido como um processo ao longo de toda vida, e não situado num dado momento ou lugar - universidade. Possibilita-nos pensar a incompletude do ser humano e no seu eterno fazer-se. (...)”¹

Eu não me formei professora, mas a minha trajetória, as minhas práticas, os vários sujeitos que passaram pela minha vida, sobretudo os meu alunos, fazem de mim professora.

Bibliografia

Paim, Elison Antonio. Espaços Educativos Não-Formais e Formação de Professores. *In* Espaços educativos e ensino de História. Ministério da Educação. Boletim 02, abril de 2006.

Contando a história da própria vida, localiza a origem da decisão de ser professora. Incidentes: mudanças da família, saída do pai de casa; o desejo da universidade pública e a realidade da instituição privada; novamente a falta de uma perspectiva mais profissional faz o professor aderir a propostas discutíveis: a tutoria no ensino a distância

1 Paim, Elison Antonio. Espaços Educativos Não-Formais e Formação de Professores. *In* Espaços educativos e ensino de História. Ministério da Educação. Boletim 02, abril de 2006.